



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
celebração do Natal da Vida e da Cidadania dos Catadores e da
População em Situação de Rua**

São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2008

Eu fico pensando aqui no que falar para vocês. Estou vindo agora do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, onde eu estava reunido com o Presidente da França. Somente no Brasil é que pode acontecer isso, ou seja, no mesmo dia um presidente estar no hotel Copacabana Palace reunido com o Presidente da França e, poucas horas depois, estar aqui reunido com os moradores de rua e os catadores de papel reciclável.

Eu sempre afirmei, padre Júlio, dom Odilo, que uma coisa que marca a vida de um governante, de um homem ou de uma mulher, é não esquecer de onde ele veio. A gente nunca pode esquecer a origem da gente, independentemente do que aconteça na vida da gente. A gente nunca pode esquecer quem são os nossos amigos de sempre e quem são os nossos amigos eventuais. Quando a gente está bem, a gente tem muitos amigos. Quando a gente cai em desgraça, os amigos desaparecem, e são aqueles de sempre que “comeram o pão que o diabo amassou” com você que são seus verdadeiros amigos para a vida inteira.

O governo pode fazer muito. Os companheiros que estão aqui, Paulinho Vannuchi, o companheiro Patrus, o companheiro Gilberto Carvalho, que estava aqui. O Gilberto Carvalho parece um anãozinho que desaparece da frente da gente a toda hora. Eu queria, Roberto, que você viesse aqui – Gilberto Carvalho, Paulinho – porque tem alguma coisa que está faltando a gente consertar hoje, porque nós temos mais dois anos na Presidência da República. Em dois anos nós já aprendemos muito, e em dois anos nós precisamos derrubar o resto da burocracia da máquina pública que impede que a gente



ande mais rápido.

É sempre muito complicado quando a gente decide uma coisa, essa coisa é encaminhada e depois de dois anos você encontra com os companheiros e eles falam assim para mim: “Olha, não aconteceu aquilo que foi avisado”. Por quê? Porque eu estou já há alguns meses, há alguns anos junto ao patrimônio da União, tentando fazer o levantamento de todos os prédios que tem nas grandes regiões metropolitanas para que a gente possa pegar os prédios que têm condições de moradia e permitir que as pessoas (se) mudem. O número de prédios... porque tem uma burocracia... Nós mandamos uma medida provisória em 2004 para facilitar o processo de tomada de um patrimônio da União e doá-lo para alguém. Nós perdemos essa medida provisória. Perdemos ela no Congresso Nacional, porque tem muita gente no Brasil interessada em “garfar” coisa do patrimônio da União e vender particularmente como se fosse sua.

Agora mesmo, quando nós fizemos a doação para o prefeito de Recife, de uma área no centro de Recife que era um terreno vazio em que ele queria fazer uma área de lazer, ele agora transformou num parque em homenagem à minha família, à minha mãe. Nós levamos mais de dois anos para conseguir legalizar, e advogados e mais advogados entravam na Justiça para impedir que a gente doasse o terreno.

Então, eu queria, neste ano de 2008, porque faltam dois anos... Eu vou vir aqui no ano que vem, vou vir aqui no ano que vem como presidente, e espero ser convidado quando não for mais presidente. Como eu vou vir aqui, eu queria fazer um pacto com o Paulinho Vannuchi, com o companheiro Patrus Ananias, com o companheiro Gilberto, com o companheiro Roberto e (com) a direção do Movimento representado pelas entidades, com o padre Júlio, para a gente fazer uma operação pente-fino nesses próximos dois anos.

O que é a operação “pente-fino”? É a gente, no começo deste ano, sentar em torno de uma mesa – e eu quero estar presente –, pegar os agentes



no meio do governo – todos os agentes, seja do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do BNDES –, colocar todo mundo em volta de uma mesa para a gente ver tudo o que a gente já deliberou, o que aconteceu e o que falta acontecer e porque não aconteceu, inclusive levar o companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, levar a nossa diretora do Patrimônio da União. Porque, muitas vezes, no governo e na casa da gente é assim. Quantas vezes vocês pedem para um filho fazer uma coisa e ele fala: “está bom, mãe, eu vou fazer”. Aí no final da noite você pergunta: “você fez?”, “não, mãe, não”. E se não perguntar, nunca vai fazer.

Então no governo também é assim. Às vezes a gente decide as coisas. Todo mundo tem vontade, vocês não podem ter dúvidas de que o Patrus é um companheiro comprometido com a luta do povo mais humilde desse país. Agora, quando se trata de envolver muitos ministérios, cada um tem a sua máquina burocrática e, às vezes, a coisa demora mais e o Presidente só fica sabendo de ano em ano. Por que o que aconteceu, Júlio? Eu venho aqui todo ano. Aí quando eu chego aqui, os companheiros apresentam uma pauta de reivindicação. O Roberto já está até gordo de apresentar a pauta de reivindicação para mim. Ou seja, vocês apresentam uma pauta de reivindicação, nós recolhemos a pauta de reivindicação e fazemos uma prestação de contas daquilo que nós fizemos no ano anterior.

Eu acho que agora, Roberto, nós temos que mudar o padrão de funcionamento. Eu acho que agora nós temos que pegar o conjunto das coisas que nós já acordamos, saber o que está funcionando bem, o que não está funcionando, para que a gente possa praticar uma coisa que eu costumo chamar no governo de “Toyotismo”, ou seja, é o sistema de produção em que todos os que decidem estão em volta da mesa para ninguém ter tempo de colocar o papel na gaveta e esquecer. Ou seja, a pessoa terá que decidir ali, porque senão vem para mim, eu vou consultar o Gilberto, que vai consultar o Patrus, que vai consultar o Paulinho Vannuchi, que vai consultar o Advogado-



Geral da União, quando o Márcio Thomaz Bastos estava lá, ia consultar o Ministério da Justiça, quando o Marinho estava lá, ia consultar o Ministério da Previdência, o Ministério do Trabalho, ou seja, é tanta consulta que no final do ano as coisas que poderiam ser feitas em uma semana ou em um mês demoram um ano, ou demora mais.

Então, padre Júlio, o meu compromisso agora é a gente, no começo do ano sentar para a gente reverter essa situação e fazer as coisas acontecerem mais depressa. Eu sei que tem muita coisa boa acontecendo, mas também eu fiquei sabendo que tem coisa ruim acontecendo que não é por nossa culpa, por exemplo, o preço do papel que as pessoas estão catando caiu de preço. Eu estou sabendo que o preço do ferro-velho que vocês estão pegando aço para vender está caindo, está caindo muito. Ora, mas por que está caindo? Está caindo porque as siderúrgicas que compravam sucata estão tentando diminuir a produção porque a China, que produzia 500 milhões de toneladas de aço por ano, ela agora já diminuiu em 12% a produção, empresas como a Thyssen Group, na Alemanha, está mandando gente embora e está dando férias, outras empresas importantes estão mandando... por quê? Porque com a crise econômica mundial, sobretudo nos países desenvolvidos, eles pararam de produzir o tanto de aço que produziam, o tanto de casa que produziam, o tanto de carro que produziam. Vocês estão vendo nos jornais que a GM, a Chrysler e a Ford estão praticamente quebrando nos Estados Unidos. Então, tudo isso é menos produção, portanto menos perspectiva de a gente vender ao nosso preço o material que a gente recicla pelo preço que a gente vinha vendendo.

Mas isso também será uma razão para a gente colocar na nossa mesa de negociação. Todo mundo tem muita vontade, mas entre a vontade e a coisa acontecer é como a gente nadar. Todo mundo vendo na televisão um cara pular na água, todo mundo pensa que sabe nadar. Pule, para ver se sabe. Se não tomar cuidado, vai morrer afogado. Então, eu queria só lembrar os meus companheiros ministros que a gente não tem muito tempo. Só temos 24 meses



para dirigir esse país, e precisamos fazer em 24 meses mais do que nós fizemos nos seis anos que nós governamos, porque nós aprendemos mais, já sabemos onde é que estão os entraves, já sabemos onde trava, já sabemos o problema que vocês estão tendo com os prefeitos.

Dia 10 de fevereiro, eu vou ter reunião com todos os prefeitos do Brasil e eu que os estou convidando. Eu estou convidando os prefeitos, porque desde que eu tomei posse eu me reúno com prefeitos todo ano no mês de março. Eles me apresentam uma pauta de reivindicação, eu atendo ou não atendo. Este ano, eu quero apresentar uma pauta de reivindicação para os prefeitos, se prepare companheiro Marinho. E qual é a pauta de reivindicação que eu quero apresentar para os prefeitos? Por exemplo, para a gente acabar com o analfabetismo, ou a prefeitura se engaja de verdade, de corpo e alma, ou o presidente da República não sabe onde é que estão os analfabetos todos na periferia deste país. Para a gente cadastrar corretamente as pessoas do Bolsa Família, as prefeituras têm que se engajar, ir nos grotões, para a gente saber onde é que estão as pessoas que precisam do Bolsa Família. Para a gente diminuir a mortalidade infantil é preciso que o prefeito trabalhe com muito amor e com muito carinho, para ele poder gastar o dinheiro da saúde ou colocar mais, senão a gente fica repassando o dinheiro aqui de Brasília e o dinheiro não chega na origem que nós queremos que chegue, que é atender aos interesses da maioria da população.

Então, esses seis anos que nós temos de experiência vão nos permitir, Roberto, ter uma coisa mais forte. Primeiro, para a gente fazer, enquanto governo federal, segundo para a gente cobrar mais parcerias com os governos estaduais e mais parceria com os prefeitos deste país. Por quê? Embora cada ente federado tenha liberdade e autonomia, a verdade é que muitos deles dependem do dinheiro que a gente passa. Então é preciso que a gente comprometa o repasse de dinheiro... alguns compromissos dos prefeitos... Eu confesso a você, Roberto, que eu achava que aqui em São Paulo as coisas



estavam andando bem, porque eu falei naquela outra vez que eu vim aqui, falei com o prefeito e, pelo que eu estou vendo, as coisas não aconteceram.

É importante, gente... Essa história que vocês me contaram aqui, que de noite vão dar banho nas pessoas na rua, que tomam os documentos das pessoas, que afugentam... Eu estava falando com o Paulinho Vannuchi: nós vamos falar com o José Gregório, que é o coordenador aqui em São Paulo, e montar um esquema de conversar, porque é um descalabro as pessoas não respeitarem um ser humano apenas porque ele é pobre, apenas porque ele é mais frágil do que os outros.

Dom Odilo, eu vou dizer uma coisa para o senhor – eu tenho dito ao companheiro Patrus: a coisa mais barata do mundo é cuidar do povo pobre. Não tem nada mais barato e mais fácil (do que) a gente cuidar do povo pobre, porque com pouco dinheiro uma mulher pobre ela sabe ir ao supermercado e comprar comida para levar para casa, ela sabe cuidar do leite dos filhos. Agora, cuidar dos ricos é uma desgraça, porque custa caro, custa muito caro.

Vocês viram agora, vocês viram essa quebradeira que teve nos Estados Unidos, começou pelos Estados Unidos. Somente as Bolsas de Valores perderam, em três meses, US\$ 31 trilhões. Eu estou falando (em) trilhões, trilhões de dólares. Eu estou falando US\$ 31 trilhões até agora. Já foi, desapareceram do mapa. Só dinheiro que os governantes passaram para cuidar dos bancos, em três meses, foram US\$ 600 bilhões, que se tivessem sido jogados na produção, a gente não teria desemprego nos Estados Unidos, a gente não teria desemprego na Europa, a gente não teria desemprego em outros países.

Aqui no Brasil, a gente não teve esse problema. Nós não passamos dinheiro para banco, e o que eu tenho dito é que se a gente tiver que passar dinheiro, a gente vai passar dinheiro para gerar alguma coisa que produza um produto, que produza um emprego e que produza um salário.

É por isso que ontem eu fiz um pronunciamento na televisão, para poder



chamar a atenção das pessoas. Na verdade, dom Odilo, estão fazendo uma política, eu diria, de pânico na sociedade. Aliás, eu vou dizer para o senhor uma coisa: tem gente – e vocês sabem quem são – que está torcendo que a crise venha para o Brasil e arrebente tudo, para dizer: “Está vendo? O Lula não podia dar certo”.

Na verdade, essa crise, pela lógica, ela só poderia chegar aqui no Brasil por conta da diminuição das exportações. Se os Estados Unidos são um grande importador e deixam de comprar, a empresa brasileira vai ter problema. Se a Europa é um grande comprador e deixa de comprar, nós vamos ter problemas. Mas o que acontece: até nisso, Júlio, nós somos melhores do que os outros.

Quando eu comecei a viajar pelo mundo, o que a gente estava fazendo? A gente estava diversificando o nosso mercado. Em vez de vender só para os Estados Unidos e para a Europa, nós começamos a vender mais para a Argentina, começamos a vender mais para a América Latina, para a África, para o Oriente Médio, para a Ásia. Só para vocês terem idéia, em 2003 a gente tinha um comércio com a Argentina de US\$ 9 bilhões. Hoje nós temos US\$ 30 bilhões com a Argentina. Portanto, nós, teoricamente, somos um país que vai sofrer menos com a crise do que outros países que exportam muito para a Europa e para os Estados Unidos.

A segunda coisa extremamente importante é que aqui nós não tínhamos o sistema financeiro envolvido no *subprime*, ou seja, comprando papéis podres. Vocês estão lembrados de que o petróleo chegou a US\$ 150 o barril. Agora está a US\$ 40. Ninguém consegue explicar porque em apenas um ano, sem aumentar o consumo, o petróleo saiu de US\$ 30 para US\$ 150 o barril. Sabem por que subiu tanto? Pura especulação. Tinha gente comprando o barril de petróleo no papel. O Marinho está lembrado do famoso boi gordo. Uma vez eu fui com o Marinho lá, porque o Sindicato queria fazer um investimento, nós fomos ver o tal do boi gordo aqui em São Paulo. Aí eu cheguei lá e falei para o



cidadão da fazenda: cadê o gado? “Não, aqui não tem gado, aqui é só papel”. O dólar é a mesma coisa no petróleo.

Então, companheiros, eu estou dizendo isso para vocês, para dizer para vocês o seguinte: nós vamos surpreender aqueles que não acreditam no Brasil. Vocês podem ficar certos de que nós iremos fazer tudo o que tiver que fazer para que o País saia da crise muito melhor do que ele entrou. E aqueles que estão torcendo para que o Brasil caia em desgraça, certamente terão mais chance de cair em desgraça do que o País, porque este país será protegido por 190 milhões de habitantes.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês uma coisa. É no momento de adversidade, de crise que a gente tem que ter coragem, sobretudo vocês, porque se tem alguém que tinha o direito de reclamar, que tinha o direito de jogar sapato num presidente... Vocês viram lá no Iraque, não é? Aquele... imaginem se aquele sapato estivesse com chulé. O Bush não tinha se machucado, mas tinha desmaiado.

Então, eu acho que um povo que nem o povo brasileiro, que passa o que vocês passam e estão aqui agradecendo e ao mesmo tempo cobrando, porque o governo tem consciência: cada conquista que a gente tiver, no dia seguinte ela já é pouco, a gente quer mais. É assim a vida humana, é assim a conquista da sociedade. E nós, em vez de achar ruim, nós temos que nos preparar para essa evolução da sociedade. A sociedade vai evoluindo, as pessoas vão aprendendo, as pessoas vão lendo. As pessoas conseguem conquistar uma vírgula, querem uma palavra, depois de uma palavra querem uma frase inteira, depois da frase inteira querem um livro, depois do livro querem 500 livros. Ou seja, é assim, e é bom que seja assim porque somente assim este país vai fazer justiça com a totalidade do seu povo.

É importante lembrar que nós somos herdeiros de um estoque de miseráveis neste país, nós somos herdeiros de 20 anos em que a economia brasileira não cresceu. E a economia brasileira não crescendo, eram jovens



que nasciam e que chegavam à idade adulta sem ter a possibilidade de trabalhar. Sem trabalhar não ganhavam renda. Se não ganhavam renda, não podiam construir família. Às vezes, eram até deserdados pela família e as pessoas, então, vinham para as ruas.

Graças a Deus, nós estamos educando as pessoas aos poucos, que quem está morando nas ruas hoje é menos culpado e que mais culpados são aqueles que ao longo de décadas, governaram este país e permitiram que surgisse tanta gente pobre.

Quando a gente vê um jovem de 18 ou de 19 anos sendo preso ou assassinado pela polícia, em vez de a gente dizer “morreu um bandido”, a gente tem que dizer “morreu um jovem, vítima da incompetência dos governantes, que não deram a ele a oportunidade de estudar, de trabalhar, de constituir família”.

Eu falo isso com a alma lavada, de alguém que todo santo dia acorda preocupado com aqueles mais humildes do País. É por isso que nós... Hoje eu vi uma manchete no jornal: 40 mil pessoas perderam o emprego no mês de novembro, se não me falha a memória. Agora, quando nós criamos, neste ano, do dia 1º de janeiro ao dia 1º de outubro, 2 milhões e 200 mil empregos, esse jornal não deu nem notícia.

Vocês fiquem tranqüilos (com) o seguinte: em dois anos, entre 1º de janeiro de 2007 e outubro de 2008, nós criamos, em menos de 24 meses, 4 milhões de empregos com carteira profissional assinada. E isso nós queremos manter. Se alguns empresários estão mandando gente embora agora, é precipitação. Eu disse noutro dia: está na hora de os empresários, na hora em que tem uma crise, fazerem o sacrifício que cada um de nós faz, e não descarregar logo nas costas do trabalhador e dispensar o trabalhador.

É importante que as pessoas aprendam que neste país está se construindo uma democracia, e que as pessoas são respeitadas, mas já ouvi de vocês que nem todo mundo respeita. Nós vamos contribuir para que as



peças sejam respeitadas. Obviamente que era preciso criar, Júlio, um número qualquer no Ministério do Paulinho – agora virou Ministério, ficou chique agora – ou no Ministério do Patrus, um número 0800 e não sei quanto. Quando vier alguém tacar água, alguém tem que ligar para esse número para que a gente possa atuar na mesma hora, até que eles tenham vergonha de fazer isso.

Companheiros e companheiras,

Falta só marcar a data, Gilberto, para que no começo do ano a coordenação do Movimento, mais o Júlio, mais eu, mais você, mais o Patrus, mais o Paulinho Vannuchi, mais o Planejamento e mais quem estiver envolvido em alguma coisa do acordo que ainda não foi conseguido colocar em prática, vamos ter que estar em volta de uma mesa para a gente tornar mais fácil a vida dessa gente, porque difícil já é o seu dia-a-dia.

A verdade, também, é que nunca o Movimento teve o chefe de gabinete representando ele na Presidência da República. Nunca. E o Roberto, eu vou te contar... O Roberto já engordou uns 20 quilos depois que eu conheço o Roberto. Roberto, eu queria te dizer o seguinte, queria dizer aos companheiros da orquestra, ao Júlio, ao dom Odilo, a todas as entidades que trabalham com vocês que eu tenho certeza de que nós ainda estamos longe de fazer tudo o que precisa ser feito, mas já fizemos muito mais do que foi feito em décadas e décadas neste país. E podemos fazer mais.

Eu quero agradecer às entidades que trabalham com vocês, às entidades que trabalham, que se matam, que se dedicam. Quero agradecer à Igreja que trabalha com vocês, mas, sobretudo, quero agradecer à liderança de vocês, tanto dos moradores de rua quanto dos catadores de papel, porque o nível de consciência política está ficando extraordinário.

Por isso, eu queria... a Marisa não pôde vir porque... A Marisa, também, sabem o que acontece? Ela está lá em casa com uma sogra, com operação de catarata, uma irmã com o tornozelo quebrado e um neto com o dedo quebrado.



Quer mais azar do que isso?

Então, eu queria, gente, desejar para vocês um bom Natal. Queria que vocês não perdessem a fé, não perdessem a esperança e acreditassem que Aquele lá de cima, que nos pôs no mundo, está olhando por nós. E essa provação que vocês estão passando todos os dias é o testemunho de que a gente pode melhorar a nossa vida.

Gente, só me despedir primeiro. Um grande abraço. Júlio, Gilberto Carvalho e você, Roberto, vão ficar com a responsabilidade de marcar essa conversa para a gente juntar todo o pessoal envolvido em vez de a gente... E você também. A gente vai ver se a gente resolve esse problema ou se a gente consegue aprimorar isso. Com relação aos companheiros do Sem-Teto que eu vi aqui – eu vi os companheiros do Sem-Teto aqui – também no começo do ano eu vou querer... eu sei que vocês estão pedindo uma audiência. Nós vamos apresentar uma proposta nova de moradia e queremos construir... Não, nós vamos apresentar uma outra proposta além dessa que nós já fazemos, para a gente discutir com o Movimento, está bem?

Gente, um grande abraço, Feliz Natal, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)